

Móveis CIMO S.A.: indícios inscritos da modernização

Resumo

Este trabalho, vinculado às discussões acerca da cultura material escolar, tem como objetivo tecer uma reflexão sobre as mensagens de modernização presentes na Móveis CIMO S.A., que, dentre suas linhas de produção, possuía um setor destinado à fabricação de mobiliários escolares. Para tanto, foram realizados investimentos de pesquisas em arquivos públicos e museus na busca por informações referentes à trajetória da empresa, que iniciou suas atividades em 1912 e decretou falência em 1982. A Móveis CIMO S.A. ficou conhecida como uma das maiores empresas na produção de móveis na América Latina e seus produtos tiveram grande destaque no mercado nacional, devido a grande quantidade e qualidade dos seus produtos. Ao identificar a importância da fábrica na região e ao analisar o movimento moderno/modernidade entre o final dos oitocentos e início dos novecentos, foi possível identificar que a CIMO pode ser considerada um exemplo da modernização do período e contribuiu para a elaboração de novas relações entre a escola e a indústria. A partir das pesquisas realizadas, foram encontradas fontes que demonstram que as relações econômicas entre a fábrica e as instituições escolares ocorreram não apenas na venda de produtos, mas também em doações e rituais de honraria.

Palavras-chave: modernidade, modernização, objetos da escola, Móveis CIMO S.A.

Gustavo Rugoni de Sousa

Universidade do Estado de Santa Catarina
gustavorugoni@gmail.com

Introdução

Na busca por ampliar as discussões em torno da tríade *indústria, escola e estado*, este artigo traz uma reflexão, vinculado às discussões acerca da cultura material escolar, a respeito das mensagens de modernização que a Móveis CIMO S.A. porta. A partir das nossas pesquisas sobre os objetos escolares, nos deparamos com rastros que demonstraram diversas relações entre a CIMO e o estado catarinense. Sabendo das inúmeras mudanças ocorridas no Brasil a partir do final do século XIX e da projeção do movimento moderno/modernidade, procuramos identificar os discursos construídos em torno da fábrica, para isso foram realizados investimentos em pesquisas que nos levaram à cidade de Rio Negrinho, localizada na região norte do estado de Santa Catarina.

Em conversas informais com alguns moradores no município de Rio Negrinho, quando indagados sobre qual a representação que eles possuem acerca da Móveis CIMO S.A. ou qual a importância da fábrica para a cidade, me deparei com as afirmações “a fábrica foi a vida” ou “foi graças a CIMO que Rio Negrinho existe”. A força das palavras destes moradores também está representada nos símbolos da cidade, como por exemplo, na antiga chaminé da fábrica, localizada em frente à prefeitura e da câmara de vereadores ou nas principais ruas e escolas, que levam os nomes dos fundadores da Móveis CIMO S.A.

As marcas deixadas pela fábrica construíram no imaginário dos moradores da cidade uma espécie de reverência a sua trajetória, o que nos leva a refletir, a partir dos trabalhos de Hobsbawn e Ranger (1984), sobre como essa *tradição inventada* em torno da Móveis CIMO S.A. se estabeleceu. Como foi destacado anteriormente, o andar pela cidade nos leva a diversos símbolos que buscam construir valores e comportamentos, que no caso da CIMO, são construídos em torno do “novo”, da “modernização” e do “sucesso”. Desta forma, os rituais e simbologias em torno da fábrica, remetem os seus moradores a um passado histórico cercado por conterrâneos “modernos” que trouxeram à cidade desenvolvimento, por isso, quando investigamos a história da CIMO, podemos perceber o quanto este pode ser um tema sensível não apenas a um grupo específico, mas sim a um município, que vê a história de uma empresa entrelaçada com suas origens.

A Móveis CIMO S.A., segundo as fontes pesquisadas, apresenta indícios de ter sido um centro gravitacional, por convergir diversas relações socioeconômicas em seu entorno, além de contribuir para o aparecimento de outras fábricas na região que hoje é considerada o maior polo moveleiro brasileiro em exportação. Neste exercício de “historia local”, a partir da memória das pessoas e das fontes encontradas em museus e arquivos de Rio Negrinho, nota-se que a fábrica, mesmo com o encerramento das suas atividades na década de 1980, permanece viva nas lembranças das pessoas, devido a inúmeros familiares e amigos que lá trabalharam e a representam como um exemplo de sucesso e orgulho para a cidade.

Os próprios produtos confeccionados fazem parte deste imaginário, segundo Santi (2013, p. 32) os móveis comercializados pela Móveis CIMO S.A. “são como uma referencia histórica que marcaram época; muitos se recordam das salas de aulas, das cadeiras de cinema com o assento móvel, do formato anatômico dos assentos, dos braços curvos das poltronas”. Estas informações são preciosas na busca por uma melhor representação de como estes móveis eram utilizados, quais as suas características, cores e qualidade. Particularidades estas que muitas vezes não pudemos encontrar nos catálogos divulgados pela fábrica localizados até este momento. Como hipóteses iniciais para esta “falta”, estão à falta de divulgação de alguns produtos, a ausência de impressos coloridos com detalhes sobre os materiais utilizados ou a má conservação de algumas fontes no decorrer dos anos.

É importante ressaltar ainda, que durante as atividades da fábrica - 1912 até a decretação de sua falência em 1982 - seus produtos conquistaram mercados e admiradores devido à suas qualidades, design diferenciado e tecnologias empregadas na produção, além de encontram um mercado consumidor ávido por consumi-lo. O alcance dos seus artigos fez com que a Móveis CIMO S.A. não fosse referenciada apenas como uma empresa regional, mas sim como uma das mais importantes fábricas de móveis seriados do Brasil, país na qual foi destaque ao produzir uma grande variedade de produtos de alta qualidade (OGAMA, 2007).

Como reconhecimento da importância da fábrica para a economia catarinense, em 1964, o Jornal “O Estado de Florianópolis, com o apoio da Federação das Indústrias de

Santa Catarina” conferiu à fábrica o Diploma de Indústria Pioneira de Santa Catarina e a inclusão no Quadro do Pioneirismo do Parque Industrial Catarinense.

Figura 1 – Diploma conferido à Móveis CIMO S.A. de Indústria Pioneira de Santa Catarina



Fonte: Acervo Arquivo Municipal de Rio Negrinho, 2014.

Nas pesquisas bibliográficas realizadas, com o intuito de encontrar trabalhos que possuem a Móveis CIMO S.A. como objeto de estudo, foram encontradas referências que destacam a sua importância e relevância nacional, contudo, estes, em sua maioria, encontram-se vinculados ao campo do design. Além disso, a história da fábrica tem se mostrado marcada por desastres como incêndios e enchentes, lacunas e mistérios, o que pode ter contribuído para o desencontro e escassez de informações referentes à trajetória da fábrica nas pesquisas encontradas. Por isso, para aprofundar as investigações acerca da Móveis CIMO S.A. e sua produção de peças de mobiliário foram realizados investimentos de pesquisas em escolas, arquivos municipais de Rio Negrinho e no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

Aparentemente, uma pesquisa que propõe estudar uma fábrica de móveis parece estar restrita a um determinado campo de conhecimento como as Ciências Econômicas, por exemplo, e não o da educação. No entanto, Vidal e Gaspar da Silva (2010) nos mostram que as investigações historiográficas, além de propor teorias sob o olhar

pedagógico, nos permitem também compreender a escola pelo conjunto de investimentos realizados ao seu redor. Segundo as autoras, com a obrigatoriedade escolar e as práticas de condutas modernas de ensino, a escola se tornou um nicho de mercado atraente para a indústria, devido à demanda por objetos e mobiliários. Deste modo, com a ampliação das relações econômicas e as mudanças no contexto escolar, surgiram estudos que passaram a tomar as demandas fabris como temas de investigações.

Um exemplo de modernização: a Móveis CIMO S.A

Quando debruçados nos estudos de Goularti Filho (2007), acerca da formação econômica de Santa Catarina, podemos identificar uma síntese da história catarinense no que diz respeito ao seu desenvolvimento econômico e social. Essa reflexão vem a ser importante para o campo da História e Historiografia da Educação, em especial às discussões no campo da cultura material escolar, uma vez que, um olhar mais amplo sobre o contexto histórico e econômico do período contribui para um maior entendimento sobre como ocorriam às atividades econômicas, sobre a tríade *indústria, escola, e estado* entre o final do século XIX e início do século XX.

No período de 1880 a 1945 houve o crescimento das indústrias originárias de Santa Catarina, dentre elas, destacamos a região norte, que devido a uma disponibilidade abundante de recursos florestais, a imigração e colonização de povos que possuíam o hábito do comércio, do extrativismo e da produção artesanal, além da ampliação do mercado interno brasileiro, contribuíram para a formação de pequenas iniciativas na região (Goularti Filho, 2007).

Dentre estas, em 1912, Jorge Zipperer e Willy Jung formaram uma sociedade e estabeleceram uma casa de comércio, denominada, *secos & molhados* na vila de São Bento. Com os lucros desta iniciativa e o “*know-how*” adquiridos pelos irmãos Zipperer¹ e seus associados na construção e elaboração de móveis, principalmente no segmento de cadeiras, foram criadas as bases da Móveis CIMO S.A., nome que a empresa passou

¹ Os irmãos Zipperers eram formados pelo Jorge Zipperer e Martin Zipperer, fundadores das empresas precursoras da Móveis CIMO S.A.

adotar apenas em 1954. Durante as atividades da fábrica – 1912 a 1982 – foram adotadas diversas razões sociais, foram elas: Jung & Cia; A. Ehrl & Cia; N. Jacob & Cia; Jorge Zipperer & Cia; Cia. M. Zipperer – Móveis Rio Negrinho S/A, e finalmente Cia. Industrial de Móveis S/A, conhecida como Móveis CIMO S.A.

Este estudo utiliza a nomenclatura “Móveis CIMO S.A. ou CIMO” para referenciar a fábrica, pois esta é a identificação mais presente no imaginário das pessoas e das obras encontradas. No entanto, conhecer as diversas razões sociais adotadas pela fábrica vem a ser importante no processo de pesquisa para que não ocorra descarte de informações e fontes.

Com relação as suas atividades, as informações sobre a Móveis CIMO S.A. vêm nos mostrar que esta foi uma das maiores empresas na produção de móveis da América Latina, entre as décadas de 1930 e 1960. E, de acordo com Henkles (2013, s/p) a fábrica foi “o maior impulso na modernização do quadro econômico de São Bento [...] se considera esta empresa como a primeira indústria na própria acepção moderna desse conceito a se desenvolver”. Nesta direção, as atividades econômicas e sociais que se formaram no entorno da Móveis CIMO S.A., contribuíram para a formação do município de Rio Negrinho, a partir da Lei Estadual N° 133 de 30 de dezembro de 1953.

Durante os estudos que tomam como objeto a Móveis CIMO S.A., destaca-se a escassez de informações e a dificuldade de aprofundamento, por exemplo, sobre o processo de falência da fábrica. A falta de investimento em novas tecnologias no final da década de 1970, a competitividade com as novas indústrias que utilizavam matérias primas mais baratas são apontadas como alguns dos fatores, contudo, ressaltamos que ainda devem ser realizados investimentos em pesquisas para construir um maior entendimento sobre os últimos anos da fábrica.

O movimento moderno/modernidade

A partir do final do século XIX até as primeiras décadas do século XX, devido a instauração do regime republicano brasileiro, as argumentações e ações políticas se voltaram para a construção do “novo” Brasil idealizado a partir dos ideais de progresso e

daquilo que se entendia como moderno (HOELLER, 2012). Com o objetivo de transformar as diversas esferas sociais e econômicas, o olhar sob a escola também mudou, e esta passou a ser evidenciada como um signo do progresso republicano, vinculado ao projeto de modernização, defesa nacional, valorização do homem como fator de produção e de integração nacional (CARVALHO, 1989).

Ao investigar a epistemologia do termo *moderno*, Carvalho (2012) baseado nos trabalhos de Le Goff (1997) indica que a palavra “modernus” em latim, detém o sentido de “recente”, de “atual”, de “novo” e por isso, quando colocada em contraponto com aquilo que seja antigo, nos leva a entender a existência de um conflito entre antigo e moderno. No entanto, essa relação também nos possibilita observar que o “moderno” só pode ser exaltado a partir de uma comparação com o “antigo”, ou seja, é na sua relação com o passado que o “moderno” passa a ter também o sentido de “mudança”, de “novo”.

As retóricas republicanas no início do século XX estavam permeadas pela tentativa de construir práticas modernas que fossem capazes de instaurar uma nova ordem, contra o passado atrasado e dominado pela escuridão – o Império. Deste modo, como pode-se observar, o movimento moderno/modernidade influenciou uma série de transformações que buscavam a modernização do país em diversos cenários.

Vale ressaltar, que, segundo Carvalho (2012) a palavra “modernidade” teve diferentes aplicações ao longo do tempo e de acordo com os interesses, teve diferentes significados. Conforme o autor, a emergência do termo “modernidade” ocorreu em 1863 a partir dos trabalhos de Charles-Pierre Baudelaire e contribuiu para dinamizar o as confusões e conflitos nas nuances estabelecidas na relação “antigo” e “moderno”. No entanto, não é raro encontrar a palavra “modernidade” traduzida com o mesmo sentido de “modernização”. Nas palavras do autor, “a modernidade”,

foi interpretada e apropriada de uma maneira geral como “época da história”, em que predominariam as categorias de “novidade”, da “superação” e do “progresso” sob a égide do marco da Revolução Francesa, traduzindo-se muitas vezes como questão tratada em termos de “modernização”. [...] Assim, ao longo dos séculos XIX e XX, o termo “modernização” encampou ideias, práticas, representações e projetos de

modernidade apropriados de maneira ideológica e aplicados, pragmaticamente, na tentativa de equiparar povos e nações que, em contextos históricos específicos, eram tomados como modelares do que seja a modernidade (CARVALHO, 2012, p. 26).

Ao descrever as diversas mudanças ocasionadas pelo movimento moderno/modernidade, Berman (1986, p. 10) as descreve como um turbilhão, alimentados por “grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes e destrói antigos”. A estes processos sociais, que transformam o ambiente e criam novas relações, o autor denomina “modernização”.

A título de exemplo, a partir dos escritos de Carneiro Leão (1981), intitulado “Os Deveres das Novas Gerações Brasileiras”, é possível perceber uma das expressões do pensamento moderno do início do século XX. Nesta obra o autor defende a expansão da instrução primária para todas as classes sociais, e seduzido pela pedagogia moderna, defende a sua aplicação nas instituições de ensino devido a capacidade de preparar adequadamente os indivíduos para exercer seus papéis na sociedade. Sendo assim, segundo Carneiro Leão (1981, p. 23) os deveres das gerações modernas são “estudar e conhecer a alma nacional, as possibilidades nacionais, as necessidades nacionais, *discernindo*, na multidão das organizações educativas dos povos mais cultos, os modelos que melhor digam conosco, para a elaboração do Brasil”.

Envolvido pelo movimento moderno/modernidade, Carneiro Leão (1981), também associa diretamente a escola e por sua vez, a formação para o mercado de trabalho, com o desenvolvimento econômico. A instituição escolar assim passa a ser um espaço estratégico e de disputa intensa, pois é vista como uma ferramenta para a ascensão do país frente às economias desenvolvidas/modernas. Como um exemplo de aplicação deste movimento, encontramos fontes na Escola de Educação Básica Professora Marta Tavares da existência de uma antiga sala de aula denominada “Jorge Zipperer”. Além de ser mais uma simbologia criada em torno de uma tradição inventada, também pode ter um sentido de “exemplo a ser seguido”, por se tratar de um importante industrial, que a partir da CIMO, produziu na cidade espaços de modernização e desenvolvimento.

Na esteira destes trabalhos, ao pensarmos sobre a Móveis CIMO S.A., podemos a identificar como uma representação do que havia de “mais moderno” para a época, tendo em vista que a instalação da fábrica e os recursos tecnológicos utilizados na fabricação podiam ser vistos como exemplos da modernização do período. Além disso, segundo a literatura da história da indústria moveleira brasileira, nas quais destaco Santi (2014) e Moveleiro Móveis & Desing (1990), a CIMO é considerada uma das pioneiras na produção seriada de móveis no Brasil e recebeu grande destaque pelas inovações, design diferenciado, qualidade e por se adaptar as demandas do mercado nacional.

A modernização do ensino a partir dos objetos

O aumento de artefatos comercializados para atender as novas demandas da escola ganhou força, principalmente a partir da massificação escolar, da obrigatoriedade de ensino e da promoção política na compra de artefatos higiênicos e ergonômicos. Os objetos e mobiliários, neste contexto, passaram a ser tomados como elementos fundamentais e segundo Lawn (2013) “não eram escolhidos aleatoriamente, mas intimamente ligados a um conjunto de instruções e rotinas, usados dentro de um período de tempo fixado, e abertos a rigorosa inspeção”.

Os objetos e mobiliários passaram a ser adquiridos e utilizados, pois também representavam a promessa do desenvolvimento social e econômico que emergia com a Revolução Industrial no século XIX e início do século XX. Conforme aponta Lawn (2013), a escola primária está diretamente ligada à concepção da Fábrica Racional e a pedagogia utilizada nos artefatos não podia ser separada do formalismo e da mecanização do período, uma vez que as tarefas realizadas vinham ao encontro da racionalidade industrial.

Em outras palavras, os trabalhos de Lawn (2013) podem nos levar a comparar os artefatos escolares com as ferramentas industriais, pois ambos estavam subordinados a uma tarefa específica, condicionada ao tempo e a resultados satisfatórios. Os artefatos escolares passam assim a ser utilizados como meios de uma “alfabetização técnica”, tendo papel fundamental na formação dos novos trabalhadores.

Deste modo, entendemos que a Revolução Industrial contribuiu para o fortalecimento de um pensamento racional que se espalhou por diversos cenários, entre eles o escolar.

Associado a pedagogia moderna, os objetos foram adentrando gradualmente e ao longo do tempo foram se tornando itens obrigatórios no ambiente escolar. Com a adesão de um forte comprador, como o Estado, os objetos escolares foram sendo submetidos a inúmeros testes e a constantes aperfeiçoamentos que pudessem atender a novas demandas. Por exemplo, podemos citar os trabalhos de arquitetos e designers que buscavam tornar os materiais mais ergonômicos, duráveis e pedagógicos. Essa relação, ganha tamanha proporção que segundo Castro *et al* (2013, p. 276) essa “conexão estabelecida desde o século XIX entre inovação pedagógica e inovação material aprofunda-se, criando uma quase identidade entre qualidade de ensino e aquisição de artefatos escolares, particularmente na retórica que domina o campo”.

Quando analisamos a criação dos grupos escolares em Santa Catarina, a partir dos estudos de Gaspar da Silva (2006) foi possível perceber o ideário de um projeto republicado de reurbanização das cidades e de promoção de condutas e padrões modernos. Os grupos escolares, como verdadeiras “vitrines da republica”, buscavam exemplificar a força política do governo, do desenvolvimento e da promoção individual aos seus alunos. Por serem símbolos da modernidade, estas instituições foram equipadas com materiais e mobiliários que atendem a estes preceitos, ou seja, os artefatos adquiridos apresentavam uma alta qualidade e eram utilizados de acordo com os preceitos médico higiênistas.

Quando analisamos o “*Regimento Interno das Escolas Públicas Primárias*” catarinenses de 1908, com relação a “*mobília e escripturação escolar*”, o documento previa quais os materiais deveriam compor os Grupos Escolares. Dentre eles destacamos: uma mesa, quadro negro, tinteiro, régua e cadeiras. Seria ingenuidade pensarmos que o simples fato dos materiais constarem como itens obrigatórios no Regimento garantiriam a sua aquisição. No entanto, seus escritos demonstram a preocupação política em atender as demandas materiais das escolas e traduzem, assim, a importância dada aos artefatos educacionais.

Ao analisar os catálogos da Móveis CIMO S.A., identificamos alguns mobiliários que a fábrica produzia para atender as demandas escolares descritas no Regimento. Isso porque, com o lastro de um forte comprador, o Estado, a escola se tornou um grande nicho de mercado, que as empresas buscaram atender. Além do quadro negro, as figuras apresentam duas mesas, sendo uma delas com “tampa para abrir”, além de uma cadeira escolar.

Figura 2 – Móveis escolares divulgados nos catálogos da Móveis CIMO S.A.



Fonte: Klostermann (2007).

Devido à relação direta imposta entre qualidade de ensino e artefatos pedagógicos, as instituições que não detinham recursos suficientes, desenvolveram formas de arrecadação indireta. Um dos exemplos pode ser constatado a partir de fontes que exemplificam a importância da Caixa Escolar na compra de materiais para atender as demandas da escola, além de suprir as necessidades de alunos das classes menos favorecidas.

Sobre as Caixas Escolares, *O Relatório da Secretaria Geral dos Negócios do Estado de S. Catharina*, apresentado pelo General Dr. Felipe Schmidt, Governador do Estado, na sessão destinada à Instrução Pública, apresenta que estas foram regulamentadas pelo decreto nº 976 de 14 de Novembro de 1916. Neste relatório, declara a ausência de entendimento e participação na contribuição das classes mais favorecidas com a Caixa Escolar. Conforme o documento, a Caixa Escolar era fundamental para atender as demandas que o Estado não conseguia cumprir, devido a falta de recursos. No

seu entendimento, os valores adquiridos por essa associação deveriam ser utilizados na compra de livros, objetos escolares, alimentos, uniformes, calçados, assistência médica e dentária às crianças, formação de bibliotecas públicas e escolas para “adultos iletrados”.

Em pesquisas realizadas na Escola de Educação Básica Professora Marta Tavares, fundada como um grupo escolar em 1933 na cidade de Rio Negrinho², localizamos, não apenas fontes que demonstram as atividades financeiras da Caixa Escolar, como também o “Livro Ouro”, no qual os contribuintes assinavam seus nomes e, dessa forma, indiretamente, eram honrados. Dentre os doadores, encontramos a assinatura do Jorge Zipperer, além do carimbo da Cia. Industrial de Móveis e posteriormente o carimbo da Móveis CIMO S.A.

Figura 2 – Assinaturas no Livro Ouro da Caixa Escolar.

Nº de ordem	Contribuinte	Importância
1.	Jorge Zipperer Fabr. (Rio Negrinho)	400,00
2.	Augusto Dittus	350,00

Fonte: GRUPO ESCOLAR, Professora Marta Tavares, 1957.

A partir das contribuições da Móveis CIMO S.A. podemos perceber que as doações não eram realizadas apenas por parentes dos alunos, mas também por indústrias e industriais da região. Com isso, destacamos que a relação entre indústria e escola não apenas ocorria a partir da compra e venda de produtos, mas também em forma de gratificações que contribuíam para atender as necessidades das instituições escolares. A assinatura do Livro Ouro por estas empresas poderia servir também como um marketing indireto junto à sociedade, pois estes atos “solidários” formavam uma propaganda de divulgação da marca e por consequência dos seus produtos fabricados.

² Rio Negrinho passou a ser um município apenas a partir de 1953, anteriormente o local pertencia a vila de São Bento.

Deste modo, a partir das assinaturas contidas no Livro Ouro, destacamos a existência de uma relação que ultrapassa os limites do “compra e venda” entre a escola e indústria. Sendo a escola uma importante “vitrine”, a honra recebida pela doação também passava a ser um ritual importante para as indústrias pelo alcance proporcionado pelas suas ações. Além de um possível marketing indireto, as doações realizadas pelas empresas convergem com o movimento de modernização do período, onde as “classes abastadas” poderiam contribuir com recursos pela melhoria do ensino e por consequência de avanços no campo econômico e social, segundo os discursos da época.

Como é possível identificar, as fontes pesquisadas nos apresentam diferentes representações de como ocorriam os investimentos em torno da escola. Por isso, salientamos a necessidade de maiores investimentos para identificar, por exemplo, como ocorriam essas doações, qual a verdadeira projeção na comunidade e os interesses econômicos em torno desta ação.

Algumas considerações

Este artigo buscou elaborar uma reflexão acerca da Móveis CIMO S.A. para identificar possíveis mensagens da modernização presentes na fábrica. A partir das fontes encontradas, foi possível constatar que as relações mantidas entre a CIMO e o Grupo Escolar Professora Marta Tavares não ocorreram apenas a partir da troca de produtos, mas também em doações e homenagens.

A Móveis CIMO S.A., como um reflexo da modernização do período, criou novas relações sociais e transformou o ambiente em que ela estava. A partir das fontes encontradas, identificamos indícios de que sua trajetória se entrelaça com a história de uma cidade, Rio Negrinho – Santa Catarina. Com os relatos de moradores, percebemos o destaque alcançado pela fábrica no município e as formas que essa tradição tem se mantido.

Como formas simbólicas deste processo, vimos uma cidade enraizada em símbolos que referenciam a trajetória da CIMO, destacam seus avanços e sofrem com a sua

falência. Jorge Zipperer, por exemplo possui na cidade uma imagem de herói, devido ao alcance conquistado pela CIMO e pela participação política na cidade.

Deste modo, entendemos que a CIMO, mais do que fruto de um processo de modernização, também foi um elemento precursor na fabricação desta, ao mesmo tempo que foi influenciada pelas novas descobertas da ciência e dos preceitos modernos, também desenvolveu tecnologia e foi como um centro de gravidade na região, pois convergia diversas relações socioeconômicas.

Para construir o imaginário em torno da fábrica, encontramos documentos que mostram doações realizadas, venda de mobiliários, participação dos seus fundadores em apresentação e em bancas examinadoras do Grupo Escolar Professora Marta Tavares. Ao evidenciar essas relações, destacamos que a relação entre a escola e a CIMO ocorreu não apenas no campo econômico, mas também em diversas atividades da vida escolar, seja por meio de mensagens simbólicas, ou por participações diretas.

Referências

CASTRO, César Augusto de; et al. Cultura Material Escolar: Fontes para a história da escola e da escolarização elementar (MA, SP, PR, SC e RS, 1870-1925). In: SOUZA, Rosa Fátima de; GASPARG da SILVA, Vera Lucia; SÁ, Elizabeth Figueiredo de (orgs.). **Por uma teoria e uma história da escola primária no Brasil: investigações comparadas sobre a escola graduada (1870-1930)**. 1 ed. Cuiabá: EDUFMT, 2013. p 273-316.

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Editora Schwarcz, 1986.

CARNEIRO LEÃO, A. Os deveres das novas gerações brasileiras. In: CARDOSO, Vicente Licínio. **A margem da história da república**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.

CARVALHO, Marta Maria Chagas. **A Escola e a República**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CARVALHO, Marcus Vinicius Corrêa. Moderno, modernidade, modernização: polissemias e pregnâncias. In: **Moderno, Modernidade e Modernização: a educação nos projetos de Brasil – séculos XIX e XX**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

GASPAR DA SILVA, Vera Lucia. Vitrines da República: Os Grupos Escolares em Santa Catarina (1889-1930). In: VIDAL, Diana Gonçalves. (Org.). **Grupos Escolares: Cultura Escolar Primária e Escolarização da Infância no Brasil (1893-1971)**. São Paulo: Mercado de Letras, 2006. p. 341-376.

GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação Econômica de Santa Catarina**. 2 ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

HENKELS, Henry. **Móveis Cimo** – sua História. Disponível em: <https://sites.google.com/site/hhenkels/hist%C3%B3ria_sbs/mov_cimo1> Acesso em: 19 mai. 2013.

HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOELLER, Solange Aparecida de Oliveira. Ideário pedagógico moderno nos discursos dos intelectuais Henrique Fontes e Oswaldo Cabral: escola primária catarinense (1920-1930). In: **Moderno, Modernidade e Modernização: a educação nos projetos de Brasil – séculos XIX e XX**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

KLOSTERMANN, Lara Anelise. **Banco de Imagens de Catálogos da Móveis CIMO S/A**. Monografia apresentada à Universidade Tecnológica Federal do Paraná. (Curso de Especialização em Design de Interiores). Curitiba: 2007. Orientadora: Laís Cristina Licheski.

LAWN, Martin. Uma pedagogia para o público: o lugar de objetos, observação, produção mecânica e armários-museus. Tradução: David Antonio da Costa; Gustavo Rugoni de Sousa. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 14, n. 26, jan.jun. 2013. p. 222 – 243. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723814262013222>>. Acesso em: 09 out. 2013.

LE GOFF, Jaques. Antigo e moderno. **Enciclopédia: memória-historia**. Porto: Imprensa Nacional – casa dsa Moeda, 1997.

MOVELEIRO MÓVEIS & DESING. História da Indústria e Comércio do Mobiliário no Brasil – os Pioneiros. **Revista Moveleira**. São Paulo, Editora Moveleiro, ano 10, n. 97, jun. 1990.

OGAMA, Marília Sugai. **Móveis Cimo e a industrialização do mobiliário no Brasil** – parte 1. Disponível em: <http://www.totalmoveis.com.br/nw_show_news.asp?idnot=0889&ided=060>. Acesso em: 19 mai. 2013.

SANTI, Maria Angélica. **Mobiliário no Brasil: origens da produção e da industrialização**. São Paulo: Editora Senac, 2013.

VIDAL, Diana Gonçalves; GASPAR da SILVA, Vera Lucia. Por uma história sensorial da escola e da escolarização. **Revista Linhas**. v. 11, n. 2, jul./dez.2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas>>. Acesso em: 19 mai. 2013.

Fontes utilizadas

GRUPO ESCOLAR, Professora Marta Tavares. **Livro Ouro da Caixa Escolar do Grupo Escolar Professora Marta Tavares**. Rio Negrinho, 1943. Acervo: E.E.B. Profª Marta Tavares.

SANTA CATARINA. Regimento Interno das Escolas Públicas Primárias. **Decreto nº 371**, 25 mar. 1908. Gab. Typ. D'<O Dia>. Florianópolis, 1908. Acervo: Apesc.

SANTA CATARINA. Relatório da Secretaria Geral dos Negócios do Estado de S. Catharina. **Decreto nº 976**, 14 abr. 1916. Florianópolis, 1916. Acervo: Apesc.